

## INTRODUÇÃO

David Hume é reconhecido por muitos como o maior dos filósofos britânicos. Trata-se, sem dúvida, do mais representativo expoente do iluminismo escocês do século XVIII, movimento que congrega, dentre outros luminares, Francis Hutcheson, Thomas Reid e o eminente filósofo e economista Adam Smith. Embora tenha se tornado célebre por sua filosofia, Hume foi historiador e economista, áreas cujos escritos obtiveram também prestígio e notoriedade. Seu campo de interesse abrangia ainda a política e a religião, tendo oferecido inúmeras contribuições relevantes à compreensão desses temas.

Hume escrevia para o seu tempo. Mais ainda, ele escrevia para o público de sua época e não necessariamente para os especialistas e iniciados das academias. Seu cuidado estilístico foi aprimorado sempre pela necessidade de se fazer entender por leitores sem *pedigree* intelectual. A profusão de exemplos contidos em seus textos revela o seu interesse pela clareza e inteligibilidade. A “simplificação” que ele empreende ao *Tratado da natureza humana*, sua obra maior, após constatar que suas

construções tornaram o texto inacessível ao grande público, traduz o seu cuidado em fazer anunciar as suas ideias e, mais ainda, o seu propósito em tornar compreensível sua filosofia. Esse desejo de clareza não nos impede de constatar imprecisões, incongruências ou mesmo paradoxos em algumas passagens de seus textos, sobretudo porque, em muitos casos, faltava-lhe o conhecimento detalhado de fenômenos que somente puderam ser elucidados bem depois de sua filosofia vir à luz. Como poderemos ver ao longo destas *Lições*, em muitas situações resta evidente que as intuições filosóficas de Hume o colocam à frente do seu tempo.

No âmbito filosófico, sua obra tornou-se fonte irradiadora de novas ideias, mas também foi alvo de detratores que a viam como uma arma de destruição dos pilares do pensamento ocidental: a metafísica, a razão e a teologia cristã. Ao radicalizar o empirismo e fundar as bases de um novo ceticismo, Hume foi apontado como um sujeito nocivo ao bem-estar da filosofia. Sua obra pouco seduziu e muito escandalizou os seus contemporâneos. Suas ideias sofreram perseguição e suas posições filosóficas causaram dissabores aos partidários do dogmatismo e, sobretudo, aos guardiões de uma tradição que ele fazia questão de negar.

Ao demonstrar a incapacidade de a razão fundar as bases do conhecimento, da moral e da reli-

gião, o filósofo escocês abalava as convicções de um tempo marcado pela hegemonia do logocentrismo e pela crença na infalibilidade do pensamento. Hume não nega a razão; ele apenas a deflaciona e a desaloja de sua redoma, até então quase indevasável. Em seu lugar, ele instaura o reino das sensações. Eis o que o torna uma espécie de argonauta da imaginação, de arauto das paixões. Para ele nada do que é sensorial deve nos ser estranho. Somos *homo sentiens*, antes de nos tornar *homo sapiens*. “A razão é escrava das paixões”, dizia ele com a coragem dos sábios. Hume, com isso, confere uma nova dignidade a nossa experiência de mundo e nos coloca em face das sensações que nos animam. “Sinto, logo existo”, poderia ele dizer como uma retaliação possível ao cogito cartesiano e ao seu culto exacerbado nos poderes da razão.

Nossas crenças e juízos, nossas operações intelectuais e construções racionais, decorrem da experiência dos sentimentos, assim considerava o filósofo. Ninguém poderia, em pleno século XVIII, afirmar isso impunemente. O ostracismo e os sabores existenciais vividos pelo filósofo atestam o quanto sua iconoclastia gerou tumulto e perplexidade entre seus contemporâneos. Hume não inventou o sensível, ele apenas recupera seu sentido e lhe confere nobreza. Da mesma forma, nele encontramos os fundamentos de uma psicologia moral e

também do utilitarismo hedonista em matéria de conduta humana. Hume tornou-se ainda um implacável crítico da noção de causalidade como produto da inferência indutiva e, ao mesmo tempo, um defensor da experiência e do hábito como instâncias determinantes das nossas construções cognitivas. Eis mais um elemento da heresia filosófica promovida pelo autor: nada ocorre na mente que não passe antes pelos sentidos.

A filosofia de Hume repousa sob o signo da ousadia. Mas não se trata de uma postura destinada a causar escândalos ou insuflar de polêmica a cena filosófica do seu tempo. Hume revolve corajosamente o húmus de uma tradição adormecida no leito de suas certezas. E ele o faz com uma erudição poucas vezes vista ao longo da história das ideias. Sem se intimidar diante das ameaças e perseguições sofridas pelo seu espírito insurgente, ele teve a coragem de afrontar os dogmas religiosos alimentados pela teologia de sua época, de reduzir o racionalismo ao seu verdadeiro tamanho e até mesmo de fazer ruir as bases do empirismo de Locke e Berkeley, notórios inspiradores do seu pensamento. Finalmente, ao despertar Kant do seu “sono dogmático” abrindo-lhe os olhos para o papel da intuição sensível em matéria de conhecimento, Hume demonstra a pujança de suas ideias e a força que suas convicções empreenderam ao movimento da filosofia que o sucedeu.

Com Hume, o sujeito viu-se devolvido à facticidade de sua condição originária, isto porque ele passou a ser compreendido como um ser imerso nas contingências da vida, desnudado dos artificialismos e das construções ficcionais da razão. Trata-se, pois, de um animal dotado de faculdades e aptidões peculiares, mas que jamais deixa de ser regido por apetites, inclinações e paixões. Eis por que o indivíduo passa a ser estudado sob o enfoque fornecido pelos métodos empregados nas ciências da natureza. Hume teria sido, como sugere Anthony Quinton, o Newton das ciências morais. Para ele, as evidências morais são análogas às evidências naturais, de modo que não podemos entender o que se passa na mente sem levar em conta as manifestações psicossomáticas que determinam suas atividades e estados.

O pensamento de Hume torna-se mais importante à medida que encontramos nele o pressuposto de inúmeras descobertas contemporâneas sobre os elementos sensoriais que determinam nossa maneira de pensar e agir. Algumas de suas intuições foram corroboradas pelas descobertas levadas a efeito pela psicologia moral, pelas teorias de inspiração evolucionistas e pelas ciências cognitivas acerca das influências que as experiências sensoriais (emoções, paixões, sentimentos) exercem sobre o comportamento moral do sujeito. Assim, depois de

sofrer o anonimato oriundo da incompreensão de suas ideias e de viver a perseguição motivada pelo teor de suas convicções, Hume tem a chama de sua filosofia reaccesa por uma contemporaneidade que, finalmente, soube reconhecer a riqueza e o valor do seu legado.